

Economia

O presidente do banco, John Reed, adverte que a atual política para a dívida externa está fazendo o País perder cerca de US\$ 3 bilhões em linhas de curto prazo.

O Citi confia no Brasil, mas faz um alerta.

O Brasil já perdeu US\$ 3 bilhões em linhas de crédito de curto prazo (comerciais e interbancárias), que declinaram nos últimos dois anos de US\$ 14 para US\$ 11 bilhões, calcula o presidente do Citicorp/Citibank, John Reed. E o próprio Citi admite que, este ano, perderá US\$ 300 milhões com o Brasil, porque é obrigado a remunerar os aplicadores de US\$ 3,4 bilhões — que correspondem ao montante de empréstimos do maior banco norte-americano ao País. “Mas não é o bastante — disse Reed — para mudar a estratégia básica do banco. Estamos sozinhos, mas o negócio é de longo prazo e os problemas da dívida externa podem ser resolvidos.” Em entrevista ontem cedo na sede do Citi, na avenida Paulista, explicou: “Continuamos confiantes no Brasil. O Plano Collor vai devolver o Brasil ao mundo em crescimento e a economia brasileira vai entrar na quadra internacional”.

O interesse de Reed pelo Brasil é evidente: ele esteve há 15 dias com o presidente Fernando Collor, passa esta semana no País — coincidindo com os 75 anos do Citi no Brasil — e voltará no próximo dia 9 para um encontro no Senado, em Brasília. Pela primeira vez conversará com o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, depois de ter-se encontrado com Collor e a ministra Zélia Cardoso de Mello.

O Citibank, segundo Reed, não se surpreendeu com a reclassificação da dívida de longo prazo do Brasil pelo **Icerc**, o órgão oficial norte-americano incumbido de avaliar os devedores. “O Brasil não paga os juros e não quer conversar.” E se continuar assim até dezembro, é possível uma nova rodada — o que poderia obrigar os bancos norte-americanos a colocar como valor deteriorado (**value impaired**) até 40% da dívida brasileira, contra 20% hoje. “Esta é uma questão muito importante. Bancos canadenses e japoneses levam isso muito em conta, embora os europeus não tanto” — explicou Reed. O pior é que as linhas comerciais brasileiras foram também rebaixadas. Para o Citi, uma segunda rodada de reclassificação poderia custar US\$ 700 milhões. “Aumentamos as reservas prevendo até um **write-off** (prejuízo) total das dívidas do Brasil e da Argentina. Por isso elevamos nossas reservas de US\$ 1 bilhão em 1989.”

Reed acredita que é pior negócio para o Brasil deixar de pagar juros aos bancos. “A questão central é adotar um programa econômico que permita crescer e criar condições para novos investimentos. Para isso é preciso controlar a inflação, a economia receber investimentos e abrir-se, para ter financiamentos internacionais. Se fizer isso, o Brasil receberá mais do que pagará.”

O presidente do Citicorp comparou o Brasil ao próprio Citi: “Ao pagar dividendos, posso ir ao mercado de capitais para obter mais recursos. Pagar os juros é a parte que cabe ao Brasil”.

Reed não acredita que o governo brasileiro tenha “idéias firmes” sobre a dívida, espera diálogo do País com os bancos internacionais e sentencia: “Fórmulas simples não prosperam”. Entre elas, a de que o Brasil pague somente se obtiver ganhos fiscais, como reiterou o embaixador da Dívida Externa, Jório Dauster, em entrevista segunda-feira. Mas o presidente do Citi afirmou desconhecer as declarações de Dauster. Segundo Reed, os bancos já sabem que o País diminuiu sua dívida externa comprando, no mercado internacional, títulos com

John Reed calcula que 35% dos atuais credores do Brasil querem se livrar de seus títulos, mas para os 65% restantes é necessário um bom acordo.

